



UC/FPCE_2015

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Satisfação Conjugal, Amor Romântico, Coping Diádico e Sensibilidade Olfativa ao longo do Ciclo Vital do Casal: Estudo comparativo

Lília Vilas (e-mail: liliasrvilas@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, subárea de especialização em Psicoterapia Sistémica e Familiar sob a orientação da Dra. Luciana Sotero e Dra. Gabriela Fonseca

Satisfação Conjugal, Amor Romântico, Coping Diádico e Sensibilidade Olfativa ao longo do Ciclo Vital do Casal: Estudo comparativo

Resumo: A complexidade e paradoxalidade inerente à díade conjugal dificultam a sua investigação ao longo do ciclo vital do casal. A fim de contribuir para o conhecimento em torno desta temática, o presente estudo recorreu a uma amostra de 234 indivíduos casados portugueses com o objetivo geral de estudar a satisfação conjugal, o amor romântico, o *coping* diádico e a sensibilidade olfativa ao longo do ciclo vital do casal (fase da fusão, autonomia e empatia), de acordo com a teoria de Franck-Lynch (1986, citado por Lourenço, 2006; citado por Relvas, 1996). Os resultados do estudo revelaram que os indivíduos casados que se encontram na fase da fusão, têm uma maior perceção de *coping* diádico, quando comparados com sujeitos casados que se encontram na fase da empatia. Relativamente à correlação das variáveis verificou-se que o *coping* diádico parece estar correlacionado com o amor romântico e com a satisfação conjugal. Por fim, também se verificou que a satisfação conjugal se encontra correlacionada com o amor romântico e com a sensibilidade olfativa. Foram discutidas implicações da investigação na intervenção.

Palavras-chave: ciclo vital do casal, satisfação conjugal, amor romântico, *coping* diádico e sensibilidade olfativa

Marital Satisfaction, Romantic Love, Dyadic Coping and Olfactory Sensitivity throughout the Life Cycle of the Couple: Comparative study

Abstract: The complexity and the paradoxes inherent to the conjugal dyad difficult its investigation throughout the life cycle of the couple. In order to contribute to the knowledge about this issue, the present study used a sample of 234 married Portuguese individuals with the general objective of studying marital satisfaction, romantic love, dyadic coping and olfactory sensitivity throughout the life cycle of the couple (fusion stage, autonomy, empathy), according to Franck-Lynch's theory (1986, cited by Lourenço, 2006, cited by Relvas, 1996). The results of the study revealed that married individuals, who are at the fusion stage, have a larger perception of dyadic coping when compared to married individuals who are at the empathy stage. In regards to the correlation of the variables, it was observed that the dyadic coping seems to be correlated to romantic love and to marital satisfaction. Finally, it was also verified that marital satisfaction is correlated with romantic love and with olfactory sensitivity. Implications of the investigation were also discussed in the intervention.

Keywords: life cycle of the couple, marital satisfaction, romantic love, dyadic coping and olfactory sensitivity

Agradecimentos

À professora Dr^a Luciana Sotero e à Dr^a Gabriela Fonseca pela orientação cuidadosa nesta árdua jornada. Obrigado por em diferentes momentos me presentear com o incentivo, a paciência, as doses de calma e pelo carinho com que sempre ouviram os meus dilemas e preocupações.

À minha colega Andreia Ferreira por ter caminhado comigo. Obrigado pela partilha, pelos conselhos sábios em momentos de desespero.

Às minhas colegas de estágio, por todo o caminho que percorremos juntas, por me terem tantas vezes ouvido, e aconselhado. Por me permitirem estar lá, sem estar.

Às minhas amigas lindas que esta passagem pela FPCE-UC me permitiu cativar e deixar cativar. À Inês pelos conselhos, pelo ombro amigo, por chorares e rires comigo, por partilhares as minhas ilusões, desilusões e sonhos, e pelo teto na rua do Brasil, que foi tão meu. À Rita pela dose de realismo, pelo incentivo à fantasia, por tão bem me conheceres e me leres, por teres tantas vezes ouvido e “desmontado” as minhas “neuroses” e me ajudares a conhecer-me a mim própria. À Catarina pela inocência da amizade, a simplicidade, o carinho e a palavra, rara, mas tão certa e sábia. Obrigado às três por terem partilhado comigo estes verdes anos, que tanta saudade vão deixar. Vou levar-vos na memória e na recordação, de um passado que ainda não passou.

À Bruna pela amizade de berço, por ter crescido e vivido os bons, os maus, os péssimos e os maravilhosos momentos, todos eles comigo. Obrigado por seres uma irmã de coração, por seres a família que eu escolhi, por seres a minha segunda casa.

Aos meus padrinhos, Graça e Patrick pelo amor, pelo carinho, pelo apoio, compreensão e incentivo. Sou uma pessoa melhor por vos ter na minha vida.

Aos meus meninos. Ao Dinis, o meu príncipe, o meu menino, que será sempre para mim pequenino. À Beatriz, a pestinha do meu coração. Ao Miguel o meu bebé lindo, o amor da ti tia que chegou para tornar-nos a todos mais felizes. À Maria Inês a menina dos olhinhos azuis que já me conquistou.

À minha irmã Ticiania pelo apoio nesta última caminhada para a meta, pelos jantares e a roupa lavada. Pela paciência na minha “desapacientação” e pelo apoio constante neste rumo ao futuro.

Aos meus avós Ilda e Marciano por me terem ensinado a caminhar. Por me terem dado tanto amor e tanto carinho nas primeiras caminhadas. Obrigada avó pelo pão com manteiga aquecido no tronco à lareira.

Aos meus avós Alberto e Dilénia, por terem sido sempre um apoio nas nossas vidas. Obrigado por nestes anos difíceis tanto me terem ajudado e acompanhado. Nunca esquecerei o bem que fizeram e fazem por todos nós. Obrigado pelas churrascadas nos dias de Verão em que o barulho da nossa grande família invade a rua da cruz.

E finalmente, aos meus pais, Elisabete e Asdrúbal, aqueles que de malas e bagagens se mudaram para milhas de distância de mim, por mim. Obrigado por serem os melhores pais, imperfeitos na vossa perfeição. Tão humanos e tão reais sempre perto apesar da dura distância. Espero um dia retribuir um pedacinho de tudo o que têm feito por mim. Tudo o que conquistei devo-o a vocês e ao vosso amor. Voltem rápido para junto de mim e dos nossos.

“E levas em ti guardado O choro de uma balada Recordações do passado O bater da velha cabra”

Índice

Introdução	5
I- Enquadramento conceptual	5
1.1- Conjugalidade(s)	5
1.2- O Ciclo Vital do Casal	6
1.3- A conjugalidade e o ciclo de vida do casamento	7
1.3.1- Satisfação conjugal	7
1.3.2- Amor romântico	9
1.3.3- <i>Coping</i> diádico	12
1.3.4- Sensibilidade olfativa	14
II- Objetivos	15
III- Metodologia	15
3.1- Participantes	15
3.2- Procedimentos de recolha da amostra	16
3.3- Instrumentos	16
3.4- Procedimentos estatísticos	19
IV- Resultados	20
V- Discussão	23
VI- Conclusões	26
Bibliografia	27

Introdução

O estudo do casal foi tardiamente iniciado pela Psicologia, ainda assim trouxe importantes contributos para a prática clínica com casais (Gottman, 1998) e para a vivência da conjugalidade. A investigação existente tem contudo permitido compreender cada vez melhor a complexidade inerente à conjugalidade, denotando-se uma revisão de temáticas importantes para a sua compreensão (e.g., conflito conjugal, violência doméstica, impacto do casamento na saúde). Atualmente têm surgido novas áreas de exploração (Fincham & Beach, 2010), sendo notória a incidência em várias dimensões, especialmente na comunicação (Riehl-Emde, Thomas & Willi, 2003) e um grande interesse na avaliação da satisfação conjugal, uma vez que a conjugalidade parece ser uma importante fonte de bem-estar, dependendo do nível de satisfação facultado pelo casamento (Narciso & Ribeiro, 2009).

Atendendo à complexidade e paradoxalidade inerentes ao par conjugal (Relvas, 1996), “pouco ainda se sabe sobre o casal ao longo do seu ciclo de vida” (Lourenço, 2006, p. 3). Contudo, ao pensarmos no casal, teremos que necessariamente considerar a sua continuidade e mudança ao longo do tempo (Relvas & Alarcão, 2007). Os relacionamentos evoluem em fases e etapas interligadas, e inerentes aos diferentes ciclos, encontrando-se assim distintos desafios com influência no futuro da relação (Huston, 2009), aspetos estes extremamente relevantes para a prática clínica.

Atendendo à necessidade e utilidade de estudar o par conjugal ao longo do tempo, o presente trabalho pretende contribuir para o estudo da conjugalidade ao nível da satisfação conjugal, do amor romântico, do *coping* diádico e da sensibilidade olfativa em diferentes etapas do ciclo de vida do casal (fusão, autonomia, empatia), partindo da conceção teórica de Franck-Lynch (1986, citado por Lourenço, 2006; citado por Relvas, 1996). Assim, com base numa amostra nacional de cônjuges heterossexuais, atendeu-se ainda ao estudo de duas variáveis pouco exploradas nos estudos sobre a conjugalidade, designadamente a sensibilidade olfativa e o amor romântico.

I – Enquadramento conceptual

1.1. Conjugalidade(s)

Atualmente, o casal assume múltiplas formas, pelo que a sua conceptualização pauta-se por alguma complexidade (Dias, 2000). Por definição, o casal surge a partir do desejo de duas pessoas viverem juntas, criarem um lar e um modelo relacional próprio (Relvas, 1996). Apesar da existência de alguma pressão social para o casamento (Alarcão, 2000), atualmente as pessoas casam-se porque estão apaixonadas, sendo a principal motivação apontada para o casamento o amor (Dias, 2000).

Caillé (1991) apresenta uma concepção de tríade do casal em que “um e um são três” (p. 14), considerando um modelo complexo do casal. Este modelo atende que o casal é uma criação de um modelo relacional específico

de duas pessoas em que há inclusão ou exclusão constante de um terceiro elemento (como a inclusão de valores sociais e culturais do outro, a união das famílias de origem, a parentalidade), o que exige um equilíbrio relacional com estes terceiros (Dias, 2000).

Tradicionalmente é com o casamento que se inicia o ciclo vital da família, surgindo nesse momento o nascimento de uma nova família nuclear (Relvas, 1996). Esta união assume funções protetoras, nomeadamente o apoio emocional existente entre duas pessoas que partilham uma ligação de intimidade, traduzindo-se no aumento da autoestima e autoconfiança (Narciso & Ribeiro, 2009).

1.2. O Ciclo Vital do Casal

O ciclo vital do casal, tal como acontece na família, permite diferenciar fases ou etapas de transição que não são estanques. Estas fases apontam para os principais movimentos do casal ao longo do tempo, sendo este ciclo marcado pela complexidade, paradoxalidade e permanente redescoberta (Relvas, 1996).

Na conceção teórica de Franck-Lynch (1986, citado por Lourenço, 2006; citado por Relvas, 1996), classificação sobejamente conhecida, é possível encontrar três etapas do ciclo vital do casal, separadas por dez anos de vida em comum. Na medida em que esta conceção constitui a base teórica do presente trabalho, são apresentadas de seguida as etapas propostas pela autora.

O primeiro momento corresponde aos primeiros dez anos de união e designa-se por estágio da fusão. O objetivo principal desta etapa passa pela fusão de duas pessoas diferentes num sistema, o sistema conjugal. Esta tarefa requer um grande investimento na relação, sendo esta uma etapa em que há um maior fechamento do sistema ao exterior e um maior distanciamento das outras ligações afetivas, como a família de origem. São ainda despoletadas questões como o poder e o controlo da relação, e dificuldades no equilíbrio entre as necessidades próprias, do outro e da relação (o “*nós*”). Apesar de nos primeiros três anos a díade conjugal sentir maior união, a estabilidade não estará, ainda, alcançada. De facto, nos primeiros três anos surge um movimento crescente de intimidade, mas também de ambivalência, dado que este assume-se como um período de maior conflito, incertezas quanto à escolha do parceiro e maior dificuldade na comunicação. Entre os quatro e os sete anos, o sistema conjugal volta a abrir-se ao exterior e a focar-se em outras áreas do contexto familiar, tais como a profissão e a parentalidade. A fusão definitiva surge, aproximadamente, aos sete anos de casamento, altura caracterizada pela resolução das questões de poder, definição da resolução dos conflitos e estabelecimento das zonas de simetria e de complementaridade.

O segundo estágio define-se como a fase da autonomia (entre os dez e os vinte anos), sendo marcada pelo retorno ao tu e ao eu, e remete para a tomada de decisões, para a rotina e o aborrecimento que surgem, muitas vezes, associados à ansiedade manifestada. É uma altura de

desentendimentos, uma vez que são encaradas as divergências, as diferenças e as complementaridades como defeitos do outro, surgindo a vontade de separação. Esta fase é ainda marcada pelo maior investimento na autonomia e na individualidade. Neste sentido, a tarefa conjugal é possibilitar a maior diferenciação de cada um, surgindo o medo do desmembramento.

Na terceira fase, denominada empatia (com vinte ou mais anos de casamento), os membros da díade conjugal tornam-se mais autónomos e independentes, alcançando uma relação conjugal mais livre. Nesta altura, as diferenças são valorizadas e os cônjuges passam a aceitar as imperfeições e as fraquezas do outro. A relação é viável e estável. Contudo, há o confronto com novas necessidades de mudança, dado que surgem novos desafios, como os netos, a reforma, a morte dos pais, a ameaça da separação e a morte.

De seguida, procede-se à apresentação das variáveis a analisar nas diferentes etapas do ciclo vital do casal, sendo incluídos os resultados da investigação mais pertinentes a esse respeito.

1.3. A conjugalidade e o ciclo de vida do casamento

1.3.1. Satisfação conjugal

Foi na década de 70 que a investigação começou a dar mais atenção a variáveis como o afeto, a resolução de conflitos, a comunicação, surgindo, nesta sequência, o interesse pelo estudo dos casamentos felizes e da satisfação conjugal (Pires, 2011). Atualmente, a satisfação conjugal é descrita como o principal constructo no estudo da conjugalidade (Neto & Féres-Carneiro, 2010). Corresponde ao resultado de uma avaliação pessoal da qualidade do casamento, pelo que depende do ponto de vista dos cônjuges (Narciso & Ribeiro, 2009). De acordo com Narciso e Costa (2002), a literatura sobre a temática tende a considerar a satisfação e insatisfação conjugais não como dois pólos opostos numa mesma dimensão (perspetiva dualista), mas sim como duas dimensões que coexistem e se interrelacionam (perspetiva dialética). Tal conceptualização parece fazer sentido, uma vez que a conjugalidade é feita tanto de momentos positivos como de negativos, sendo que a satisfação conjugal não se define essencialmente pela ausência de insatisfação com o casamento (Neto & Féres-Carneiro, 2010).

São diversos os estudos que se têm debruçado sobre o tema da satisfação conjugal (Narciso & Costa, 1996). Uma das principais linhas de investigação centra-se no impacto de diferentes variáveis na satisfação conjugal, tais como: as perceções sobre o parceiro e sobre a relação (Narciso & Costa, 2002); os eventos de vida *stressantes* (e.g., Chi et al., 2011; Li & Wickrama, 2014; Narciso & Ribeiro, 2009; Olson, 1983; Woszidlo & Segrin, 2013); a comunicação (e.g., Carroll, Hill, Yorgason, Larson, & Sandberg, 2013; Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmit, & Sharlin, 2004; Olson, 1983); o amor (e.g., Acevedo & Aron, 2009; Roizblatt et al., 1999).

No que respeita a investigações sobre a satisfação conjugal que

integrem uma perspectiva temporal, podemos encontrar na literatura dois tipos de estudos. Os estudos que visam analisar o constructo de forma global (e.g., associações com outras variáveis), recorrendo a uma amostra numa determinada fase do seu casamento (mais precoce ou mais tardia); e os estudos que procedem a uma comparação entre grupos de sujeitos que se diferenciam no número de anos de casamento.

Dentro da primeira tendência identificada, Norgren e colaboradores (2004) demonstram que a satisfação conjugal tende a ser mais elevada em casais com mais de vinte anos de casamento, quando estão presentes variáveis como a coesão, proximidade, estratégias adequadas de resolução de problemas, boas capacidades de comunicação, situação financeira satisfatória e prática da religião. Outros autores (Roizblatt et al., 1999; Sharlin, 1996) identificaram também que, em casamentos com mais de vinte e cinco anos de duração, o amor é apontado como um dos principais ingredientes para a satisfação conjugal, tal como a intimidade é apontada como um preditor positivo da satisfação (Goodman, 1999). VanLaningham, Johnson e Amato (2001), consideram, a partir de um estudo com casais até trinta e oito anos de casamento, que a felicidade conjugal declina continuamente ao longo do casamento ou estabiliza após grande período de declínio.

Relativamente aos estudos que se enquadram na segunda tendência referida, podemos constatar algumas divergências nas suas conclusões. De acordo com Olson (1983), a satisfação conjugal, tal como a familiar, poderia ser representada por uma curva em forma de U ao longo do ciclo vital. Assim, seria notório um aumento da satisfação antes do nascimento do primeiro filho e na etapa do ninho vazio, e um declínio da satisfação durante as etapas intermédias da educação dos filhos (Feeney, Peterson, & Noller, 1994). De facto, a representação da satisfação conjugal numa curva em forma de U pode ser encontrada em estudos de casais acerca da perceção de satisfação conjugal (Smart & Smart, 1975), perceção de satisfação conjugal de esposas (Feeney et al., 1994) e perceção da qualidade conjugal (Anderson, Russell, & Schumm, 1983).

De forma congruente com a perspectiva de Olson (1983), Jose e Alfons (2007) consideram a existência de menor satisfação conjugal na etapa intermédia do casamento, quando comparada com durações mais curtas ou mais longas, bem como uma maior satisfação conjugal após os trinta anos de casamento. Orbuch, House, Mero e Webster (1996) sugerem um declínio da satisfação nos primeiros vinte anos de casamento e um aumento a partir dos vinte e cinco anos de casamento.

A par do referido, surgem também na investigação dados que sugerem a não existência de diferenças na satisfação conjugal entre sujeitos em fases do casamento distintas. É o caso do estudo de Levenson, Carstensen e Gottman (1993) que mostra que, quando comparada a satisfação conjugal entre indivíduos com pelo menos quinze anos de casamento com indivíduos com pelo menos trinta e cinco anos de casamento, não são encontradas diferenças estatisticamente significativas. Na investigação longitudinal de

dez anos de Ruffieux, Nussbeckb e Bodenmann (2014), a satisfação conjugal tende a estabilizar ao longo do tempo.

Mais recentemente, Lourenço (2006) procede a uma análise do constructo atendendo a cinco diferentes etapas do casamento (dos zero aos três anos; dos quatro aos sete; dos oito aos dez; dos onze aos dezanove, e dos vinte ou mais anos de casamento). Primeiramente, a autora conclui que a satisfação conjugal revela-se idêntica nas relações com menos de sete anos e com mais de dez anos de duração. Entre os oito e os dez anos de relação é notório um decréscimo significativo da satisfação conjugal, comparativamente com as outras etapas. Adicionalmente é encontrado, ainda, um decréscimo na etapa dos vinte ou mais anos, embora não significativo. Num segundo estudo empírico, Lourenço (2006) verifica ainda que: a) entre os oito e os dez anos de relação há uma satisfação média mútua mais baixa; b) se verifica um claro aumento da satisfação conjugal entre a etapa dos onze aos dezanove anos; e, por último, c) há um decréscimo significativo nas relações com vinte ou mais anos. Note-se que estes resultados divergem do reportado por Olson (1983), sobretudo no que respeita ao decréscimo significativo na última etapa. Também Teves (2008) não encontrou o índice de satisfação em forma de U descrito por Olson (1983). Neste estudo, apesar de prevalecer uma diminuição do índice de satisfação global nos primeiros vinte anos de casamento, a tendência é para continuar a diminuir, quando era esperado um aumento, pelo que é notória uma certa tendência para existirem resultados ligeiramente mais baixos na última etapa do ciclo do casal (Teves, 2008).

Apesar da investigação existente, esta é uma área em que a investigação se depara com algumas dificuldades, dado que comporta grandes níveis de subjetividade (e.g., depende da perceção dos cônjuges) (Narciso & Costa, 1996). Se por um lado, investigações mostram um aumento da satisfação conjugal na última etapa do casamento (Anderson et al., 1983; Feeney et al., 1994; Jose & Alfons, 2007; Olson, 1983; Orbuch et al., 1996; Smart & Smart, 1975), contrariamente, estudos mais recentes relevam o declínio da satisfação conjugal na última etapa do casamento (Lourenço, 2006; Teves, 2008; VanLaningham et al., 2001).

É de realçar que as relações são mutáveis, não são estáticas, e também a forma como é vivenciada a conjugalidade se vai alterando ao longo do tempo (Narciso & Ribeiro, 2009). Lourenço (2006) defende que a duração da relação explica diferenças em várias dimensões (e.g., comunicação, igualdade de papéis, resolução de conflitos), entre as quais a satisfação. Assim, importa atender aos fatores temporais, à passagem do tempo, e ao percurso da vida conjugal na compreensão da satisfação conjugal (Narciso & Costa, 2002).

1.3.2. Amor romântico

Atualmente prevalece ainda alguma dificuldade na conceptualização, operacionalização e quantificação deste constructo (Sorrell, 2005), constituindo-se esta dificuldade num enorme desafio na investigação em

torno da conjugalidade.

Não obstante as dificuldades, é notório um interesse crescente por este constructo (Neto, 2007), pelo que existem várias tipologias do amor. Hatfield e Walster (1978, citado por Neto, 2007; Tucker & Aron, 1993) distinguem o amor passional (curto e intenso) do amor compassivo (*companionate love*- relação próxima e que se prolonga); Sternberg (1986, citado por Haack & Falcke, 2014; Neto, 2007; Sailor, 2013) na teoria triangular do amor considera três dimensões do amor: paixão, intimidade e compromisso, considerando o amor romântico como resultado da combinação da intimidade com a paixão; Lee (1973, citado por Fehr, 1994; Galinha, Oishi, Pereira, Wirtz, & Esteves, 2014; Neto, 2007) categoriza o amor em: *eros* (romântico, passional), *storge* (amor de amizade), *ludus* (amor *game-playing*), *pragma* (lógico, prático), *mania* (possessivo, dependente), e *agape* (altruísta).

Note-se que na literatura sobre a temática parece também existir alguma dificuldade em diferenciar o amor romântico de outros constructos (e.g., amor passional), usando alguns autores diferentes termos indiferenciadamente (Jankowiak & Fischer's, 1992; Sailor, 2013). Outra questão de particular interesse baseia-se na expressão do amor como um produto da interação entre fatores biológicos, psicológicos e culturais (Sorrell, 2005). Enquanto que para alguns autores importa considerar a cultura como influente na forma de encarar o amor e a relação (Dion & Dion, 1996; Neto, 2007), para Jankowiak e Fischer's (1992) este é um constructo universal.

Neste trabalho adotamos a definição de amor romântico a partir da definição de amor proposta por Relvas (1996), que aponta que o amor romântico pode ser traduzido em sentimentos positivos como a paixão, carinho, proteção, intimidade, comunicação e sofrimento, dirigidos à pessoa amada. Neste sentido, o amor romântico é considerado um laço emocional profundo, caracterizado pelo cuidado e atração mútua, confiança e proximidade (Riehl-Emde et al., 2003). Hoje em dia, o amor romântico é considerado um ingrediente necessário para o casamento (Sailor, 2013), surgindo frequentemente a dissipação do amor como a causa percebida de situações de divórcio (Huston, 2009). Para o último autor, o amor (um dos muitos fatores impulsionadores do casamento) direciona o casal no namoro, a sua profundidade fortalece as experiências do casal enquanto recém-casados, e a perda precoce do amor na relação fornece pistas acerca da sobrevivência do casamento (Huston, 2009). Neste sentido, o amor funcionará como estabilizador dos casamentos (Sorrell, 2005) e apresenta-se como necessário para a qualidade conjugal (Sailor, 2013).

Nesta linha de pensamento, torna-se pertinente referir que a investigação tem-se debruçado sobre a relação entre a satisfação conjugal e o amor. No estudo de Acevedo e Aron (2009), o amor romântico (sem obsessão) revelou-se positivamente associado à satisfação conjugal. Também nas relações com mais de vinte e cinco anos de casamento, o amor romântico foi apontado como um dos ingredientes principais associados à

satisfação conjugal, tanto em casais satisfeitos como insatisfeitos (Roizblatt et al., 1999). Congruentemente, noutras investigações (Contreras, Hendrick, & Hendrick, 1996; Galinha, et al., 2014) foi encontrada uma associação positiva significativa entre o amor apaixonado e a satisfação conjugal. Tanto quanto é do nosso conhecimento, nenhum estudo encontra evidências de uma correlação negativa entre o amor romântico e a satisfação conjugal, conclusão referida também por Acevedo e Aron (2009).

Atendendo a uma perspectiva que englobe uma dimensão temporal, é de salientar que para alguns autores (e.g., Dias, 2000; Relvas, 1996; Sampaio, 2012), o amor romântico não se prolonga no tempo face às contrariedades que vão surgindo e que se vão tornando mais evidentes, e às diferenças e reivindicações, surgindo, assim, o desgaste diário de uma relação a dois (Dias, 2000). Em muitos modelos, com o declínio do amor com o tempo, surge a amizade e compaixão (e.g., modelos sociais de Berscheid & Hatfield, 1969; Sternberg, 1986 citado por Acevedo & Aron, 2009). Este declínio gradual foi identificado como uma degradação lenta e progressiva da relação, que com o tempo se traduz na redução e, até mesmo, no término do amor (Sailor, 2013). Se por um lado é considerado o rápido declínio do amor apaixonado, por outro acredita-se que o amor compassivo perdura e beneficia os casais em relacionamentos de longa duração (Kim & Hatfield, 2004).

Todavia, o amor romântico foi considerado o motivo privilegiado e responsável pela continuidade da relação (Norgren, et al., 2004; Riehl-Emde, et al., 2003), tanto em casais satisfeitos como insatisfeitos (Norgren, et al., 2004) e em casamentos com mais de vinte e cinco anos de relação (Sharlin, 1996), corroborando o valor que, atualmente, este constructo assumiu na nossa cultura ocidental (Norgren, et al., 2004). Todavia, Montgomery e Sorell (1997) mostraram que não existem diferenças estatisticamente significativas entre as atitudes em relação ao amor em três etapas do casamento (sem filhos, com filhos em idade pré-escolar e escolar, com filhos fora de casa). Congruentemente, o amor romântico poderá manter-se nas relações de longa duração, com a mesma intensidade, compromisso e interesse sexual, embora não tenha o carácter obsessivo do amor em fases mais iniciais (Acevedo & Aron, 2009).

Concluindo, os resultados em torno desta temática não se revelam consensuais. Por um lado, parece ocorrer um declínio do amor romântico ao longo do tempo (Berscheid & Hatfield, 1969; Sternberg, 1986 citado por Acevedo & Aron, 2009; Sailor, 2013); por outro, alguns autores defendem uma continuidade deste constructo em relacionamentos de longa duração (Acevedo & Aron, 2009; Montgomery & Sorell, 1997; Norgren, et al., 2004; Riehl-Emde, et al., 2003; Sharlin, 1996). Assim, é de extrema importância assinalar que esta divergência pode decorrer das diferentes conceptualizações e operacionalizações desta variável nas diferentes investigações.

A partir das limitações das investigações apontadas e atendendo aos estudos que destacam uma associação positiva entre amor e bem-estar (e.g.,

Acevedo & Aron, 2009; Galinha et al., 2014; Kim & Hatfield, 2004) parecem que é importante ser feito um maior investimento na compreensão do amor (romântico) e no seu papel nas relações conjugais. De forma a alcançar um melhor entendimento sobre a conjugalidade, é também pertinente identificar a(s) tendência(s) da evolução deste constructo ao longo do tempo de casamento.

1.3.3. *Coping* diádico

O casamento pode ser encarado como um recurso para lidar com o *stress*, dado que o apoio emocional gerado nesta relação promove a autoconfiança e a autoestima (Narciso & Ribeiro, 2009). Mais especificamente, ter um casamento satisfatório assume uma função protetora da díade conjugal em períodos de *stress* (O'Brien, DeLongis, Pomaki, Puterman, & Zwicker, 2009).

A definição de *coping* diádico surgiu por volta de 1990, quando investigadores começaram a estudar a relação entre o *stress* e o *coping* com os casais, famílias e comunidades (Bodenmann, 2005). Atendendo ao impacto do *stress* na satisfação conjugal importa considerar, então, o *coping* diádico, ou seja, os esforços de um ou de ambos os parceiros para lidar com situações onde o *stress* individual afeta indiretamente a relação, ou o *stress* no casal afeta ambos os parceiros (Bodenmann & Cina, 2006). O processo de comunicação do *stress*, desencadeia respostas de ambos os parceiros. Assim, a apreciação de *stress* feita por um elemento é comunicada ao cônjuge, que irá perceber, interpretar, e descodificar esses sinais e responder com alguma forma de *coping* diádico (Bodenmann, 2005). Este constructo assume-se, portanto, como um processo interdependente através do qual os casais lidam em conjunto com o *stress* com o qual se deparam no quotidiano (Donato, Iafate, Bradbury, & Scabinia, 2012).

Podem ser distinguidas formas positivas de *coping* diádico: a) suporte (e.g., solidariedade, empatia, dar conforto, dar conselhos práticos); b) partilha (e.g., resolução de problemas em conjunto, partilha de sentimentos, empenho recíproco); c) delegar (e.g., um dos parceiros solicita explicitamente apoio prático do outro, surgindo uma nova divisão das tarefas). O suporte do parceiro assume-se como um preditor da satisfação conjugal (Gagnon, Hersen, Kabacoff, & Van Hasselt, 1999; Jensen, Rauer, & Volling, 2013; Wunderer & Schneewind, 2008). Contudo, também se diferenciam formas negativas: a) hostilidade (o suporte é acompanhado por menosprezo, distanciamento, sarcasmo, desinteresse, ou minimização da seriedade do *stress* do parceiro); b) ambivalência (um parceiro apoia o outro contrariado, ou demonstrando que a sua contribuição deveria ser desnecessária); c) superficialidade (apoio hipócrita, por exemplo., fazer perguntas sobre os sentimentos do parceiro sem ouvir, ou dar apoio que carece de empatia) (Bodenmann & Cina, 2006).

Adicionalmente, o *coping* diádico parece contribuir para um nível mais elevado de satisfação global com a vida e, como consequência, para um melhor funcionamento marital e aumento da satisfação para ambos os

parceiros (Bodenmann & Cina, 2006). Considerando que o *coping* diádico qualifica a forma como o casal lida com o *stress*, quanto maior a capacidade do casal para lidar de forma conjunta com o *stress*, maior será a probabilidade de atingir níveis positivos de satisfação conjugal (Bodenmann, 2005; Pires, 2011). O *coping* diádico assume-se, assim, como um fator significativo na predição da satisfação conjugal em casais (Kardatzke, 2009; Wunderer & Schneewind, 2008). Congruentemente, Ruffieux e colaboradores (2014), a partir de um estudo longitudinal, mostram que para os homens a satisfação relacional e o *coping* diádico são os melhores preditores da satisfação relacional dez anos mais tarde. Estudando longitudinalmente a associação entre estes constructos, verifica-se, no primeiro momento, uma forte relação linear, em que as estratégias de *coping* se apresentam como preditores significativos da satisfação conjugal. Comparando os resultados quatro meses e um ano e meio mais tarde, verifica-se que não há uma relação linear entre as estratégias de *coping* e a satisfação conjugal, encontrando-se uma associação significativa curvilínea nas mulheres (Bouchard, Lussier, Wright, & Richer, 1998). Por outro lado, um estudo longitudinal que acompanhou casais durante dois anos mostra que o *coping* diádico encontra-se fortemente associado à qualidade da relação, não se verificando diferenças significativas atendendo à passagem do tempo (Bodenmann, Pihet, & Kayser, 2006). Congruentemente, outros estudos mostram uma associação significativa entre maior *coping* diádico positivo e menor *coping* diádico negativo com a qualidade conjugal (Bodenmann, Bradbury, & Pihet, 2009; Bodenmann et al., 2006). O estudo com díades casadas ou em união de facto de Bodenmann, Meuwly e Kayser (2011) releva que o *coping* diádico positivo é um importante preditor da qualidade relacional. Congruentemente Papp e Witt (2010), a partir de uma amostra de casais na fase do namoro, relevam a importância do *coping* diádico positivo (e.g., comunicação empática, resolução conjunta de problemas) como um preditor mais forte da satisfação relacional do que as estratégias de *coping* individuais. Tendência reiterada em casamentos de longa duração onde é relevada a associação entre níveis elevados de satisfação conjugal e de *coping* diádico (Landis et al., 2014; Landis, Peter-Wight, Martin, & Bodenmann, 2013). Contudo, o *coping* diádico não se encontra apenas positivamente correlacionado com a qualidade da relação, sendo um poderoso preditor da estabilidade dos relacionamentos (Bodenmann & Cina, 2006).

A investigação tem-se também debatido com a importante tarefa de determinar os fatores que influenciam as estratégias de *coping* (Kardatzke, 2009). Embora seja notório na investigação apresentada o enfoque no estudo do *coping* diádico associado à satisfação conjugal (e.g., Bodenmann, 2005; Bodenmann & Cina, 2006; Bouchard et al., 1998; Landis et al., 2014; Landis et al., 2013; Papp & Witt, 2010; Ruffieux et al., 2014; Wunderer & Schneewind, 2008), e alguma investigação destas variáveis em relações de longa duração (Landis et al., 2014; Landis et al., 2013).

Atendendo à importância desta variável para a prática clínica e para a

vivência do casamento, parece-nos pertinente continuar a investigar o *coping* diádico incidindo na sua evolução ao longo do casamento.

1.3.4. Sensibilidade olfativa

Atendendo à ausência de investigação da sensibilidade olfativa na área da conjugalidade, procurou-se, seguidamente, apresentar estudos com maior relevo para a área. O sistema olfativo evoluiu no sentido de ser capaz de diferenciar cheiros (Wrzesniewski, McCauley, & Rozin, 1999). Este sistema tem ligações anatómicas e filogenéticas com o sistema límbico, tornando-o o sistema sensorial mais proximamente relacionado com as partes do cérebro que medeiam as emoções (Wrzesniewski et al., 1999). Assim, o odor tem um importante papel na formação das ligações emocionais logo desde cedo, facilitando a identificação dos familiares (Macfarlane, 1975; Philips, 1987 citado por Cupchik, Phillips, & Truong, 2005). Além disso, é desde há muito tempo aceite que os animais usam os seus sentidos olfativos na comunicação de informações, inclusivamente na de cariz sexual (Sorokowska, Sorokowski, & Szmajke, 2011).

Cupchik e colaboradores (2005) constataram que os odores têm um papel na vida diária, na sexualidade e na sensibilidade ecológica geral. Pelo que, respondentes que expressavam uma resposta sexual a odores da vida diária consideraram o odor do parceiro mais atraente, excitante, tranquilizante. Estes autores mostraram que o papel sexual dos odores corporais estaria positivamente correlacionado com as respostas afetivas em laboratório e que as pessoas estão conscientes dos efeitos afetivos dos odores no domínio da sexualidade. Estes resultados são assim indicadores do papel fundamental dos odores nas ligações emocionais que começam na infância e se prolongam para a vida adulta (Cupchik et al., 2005).

A literatura mostra elevada variabilidade quanto à perceção da importância do olfato na vida das pessoas (Wrzesniewski et al., 1999). O olfato (juntamente com o gosto) é o sentido que se destaca como tendo um impacto emocional mais imediato e direto (Wrzesniewski et al., 1999). Se por um lado, é notório que os gostos e desagradados das pessoas são fortemente influenciados pelos odores, por outro também coexiste indiferença aos odores por parte de alguns sujeitos (Wrzesniewski et al., 1999). Assim, o odor poderá ser afetivamente mais importante para umas pessoas do que para outras, pelo que o impacto do odor (grau com que afeta o gostar de novas pessoas, locais e coisas) poderá fazer parte das grandes diferenças individuais (Wrzesniewski et al., 1999).

A consciência do odor é concebida enquanto traço estável que permite prever e explicar o processamento da informação olfativa e as reações que envolvem pistas olfativas (Smeets, Schifferstein, Boelema, & Lensvelt-Mulders, 2008). A sensibilidade aos odores depende dos indivíduos, pelo que uns estão mais conscientes de odores negativos, desagradáveis ou que sinalizam o perigo, enquanto que outros estarão mais conscientes de odores mais positivos e agradáveis (Smeets et al., 2008). Os mais conscientes dos odores, como de café fresco ou do seu parceiro, experimentam emoções

mais profundas e mais ricas (Smeets et al., 2008).

Havlicek e colaboradores (2008) sugerem uma resposta mais complexa a estímulos olfativos em mulheres. Congruentemente, as mulheres consideram como mais importante na seleção de um namorado, o cheiro do homem (Herz & Inzlicht, 2002). O odor natural é considerado por homens e mulheres como a variável com maior influência no interesse sexual (Herz & Inzlicht, 2002). Assim, os odores podem afastar, atrair ou influenciar os outros (Filsinger & Fabes, 1985).

É notória a investigação acerca da sensibilidade olfativa em diferentes áreas como nos animais (Filsinger & Fabes, 1985). A dificuldade na definição, operacionalização e avaliação deste constructo dificulta a investigação, pelo que permanece pouco estudada a sua importância na área da conjugalidade.

A investigação empírica mostra que existem características do odor corporal associadas a diferentes grupos de idade (bebés, jovens, idosos) (Haze et al., 2001), pelo que importa também tentar compreender as possíveis alterações na perceção dos odores ao longo do tempo do casamento.

II - Objetivos

O objetivo geral deste trabalho é compreender a satisfação conjugal, o amor romântico, o *coping* diádico e a sensibilidade olfativa em função dos diferentes anos de casamento. Para tal, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- a) Comparar a satisfação conjugal nas fases da fusão, autonomia e empatia (Franck-Lynch, 1986, citado por Lourenço, 2006; citado por Relvas, 1996);
- b) Comparar o amor romântico nas fases da fusão, autonomia e empatia (Franck-Lynch, 1986, citado por Lourenço, 2006; citado por Relvas, 1996);
- c) Comparar o *coping* diádico nas fases da fusão, autonomia e empatia (Franck-Lynch, 1986, citado por Lourenço, 2006; citado por Relvas, 1996);
- d) Comparar a sensibilidade olfativa nas fases da fusão, autonomia e empatia: fusão, autonomia e empatia (Franck-Lynch, 1986, citado por Lourenço, 2006; citado por Relvas, 1996),
- e) Analisar a associação entre a satisfação conjugal, o amor romântico, o *coping* diádico e a sensibilidade olfativa.

III - Metodologia

3.1. Participantes

A amostra é constituída por 234 sujeitos casados, 93 homens (39.7%) e 141 mulheres (60.3%), com idades compreendidas entre os 19 e os 81 anos ($M= 45.09$; $DP= 11.42$) (cf. Tabela 1).

Atendendo às etapas do ciclo vital do casal sistematizadas por Franck-

Lynch (1986, citado por Lourenço, 2006; citado por Relvas, 1996), a subamostra relativa à fase da fusão (referente aos primeiros 10 anos de casamento) é composta por 69 sujeitos, 27 homens (39.1%) e 42 mulheres (60.9%), com idades compreendidas entre os 19 e os 65 anos ($M= 34.81$; $DP= 8.52$), na sua maioria com filhos (65.1%) e católicos (85.5%). Quanto ao nível de escolaridade nesta etapa, os indivíduos são maioritariamente licenciados ou com graus superiores (49.3%). Relativamente à perceção da situação financeira, na sua maioria consideram que se encontram num nível semelhante à média do seu país (66.7%).

A subamostra relativa à fase da autonomia (entre os 10 e os 20 anos de casamento) é constituída por 60 indivíduos, 18 homens (30.0%) e 42 mulheres (70.0%), com idades compreendidas entre os 33 e 50 anos ($M= 41.23$; $DP= 3.94$), maioritariamente com filhos (96.7%) e católicos (90.0%). Em termos de escolaridade, os sujeitos têm na sua maioria o ensino secundário ou curso profissional (40.0%). Relativamente à perceção da situação financeira, a maioria dos sujeitos considera que se encontra num nível semelhante à média do seu país (73.3%).

Por último, a etapa da empatia (com 20 ou mais anos de casamento) contempla na subamostra 105 sujeitos, 48 homens (45.7%) e 57 mulheres (54.3%), entre os 40 e 81 anos de idade ($M= 54.05$; $DP= 8.74$), na sua maioria com filhos (95.3%) e católicos (83.8%). Quanto ao nível de escolaridade, 36 indivíduos têm o ensino secundário ou curso profissional (34.3%) e 25 têm o 2º e 3º ciclos (23.8%). Em termos da perceção da situação financeira, esta etapa contempla em grande parte sujeitos que se percecionam com um nível semelhante à média do seu país (66.7%).

3.2. Procedimentos de recolha da amostra

O presente trabalho surge na sequência do projeto transcultural *Marital Satisfaction Project* dirigido por Piotr Sorokowski, do qual Ana Paula Relvas é a responsável em Portugal.

A amostra foi recolhida por alunos e professores da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra em Abril de 2013. O método de recolha passou por uma amostra de conveniência, recorrendo-se ao processo de “bola de neve”. A seleção dos sujeitos obedeceu aos seguintes critérios de inclusão: a) serem sujeitos casados, b) maiores de 18 anos, c) que soubessem ler e escrever. O cabeçalho dos questionários elucidava acerca do âmbito da investigação e era requerido o consentimento informado, garantindo-se o anonimato e a voluntariedade dos participantes. Todos os questionários foram entregues em envelope fechado.

3.3. Instrumentos

A seleção dos instrumentos do protocolo de investigação foi realizada pelos autores principais do projeto. Numa primeira fase, a equipa portuguesa procedeu à tradução e retroversão das escalas para a língua portuguesa. Um tradutor fluente em português e com boa compreensão do inglês realizou a

tradução das escalas para português, de seguida um segundo tradutor realizou uma retroversão dessa versão para inglês, e por fim um último tradutor procurou compatibilizar, nos aspetos divergentes, as duas traduções.

Tabela 1.
Caracterização da Amostra

	Fusão (N=69)		Autonomia (N=60)		Empatia (N=105)	
	n	%	n	%	n	%
Sexo						
Masculino	27	39.1	18	30.0	48	45.7
Feminino	42	60.9	42	70.0	57	54.3
Idade (19-81)						
19-29	12	17,4				
30-39	44	63,8	21	35,0		
40-49	8	11,6	37	61,7	33	31,4
50-59	3	4,3	2	3,3	49	46,7
60-69	2	2,9			19	18,1
70-79					1	1,0
80-89					3	2,9
Filhos						
Com	45	65.1	58	96.7	100	95.3
Sem	20	34.9	1	3.3	3	4.7
Religião						
Católicos	59	85.5	54	90.0	88	83.8
Outros	5	7.2	2	3.3	3	2.9
Nenhum	5	7.2	4	6.7	14	13.3
Escolaridade						
1.S/E - 4ºano	4	5.8	3	5.0	17	16.2
2.2º- 3ºciclos	8	11.6	12	20.0	25	23.8
3.ES /CP	23	33.3	24	40.0	36	34.3
4.L / GS	34	49.3	17	28.3	21	20.0
Situação Financeira						
A.M/MT	14	20.3	5	8.3	12	11.4
B.Semelhante	46	66.7	44	73.3	70	66.7
C.P/MP	9	13.0	10	16.7	22	21.0

Nota. 1= sem escolarização até ao 4º ano; 2= 2º e 3º ciclos; 3= ensino secundário ou profissional; 4= licenciatura ou graus superiores; A= melhor / muito melhor do que a média do meu país; B= semelhante à média; C= pior / muito pior do que a média

a) Informação sociodemográfica

Recorreu-se a um questionário sociodemográfico para a caracterização social e demográfica da amostra, através de um conjunto de questões relativas ao género, idade, duração do casamento, número de filhos, crianças a seu cargo, nível de escolaridade, situação financeira e religião.

b) Satisfação conjugal

A satisfação conjugal foi avaliada através da *Kansas Marital Satisfaction Scale* (KMSS; Schumm, Nichols, Schectman, & Grisby, 1983). Trata-se de um instrumento de autorresposta que se propõe avaliar a

satisfação conjugal através de 3 itens cujas opções de resposta variam numa escala tipo Likert de 7 pontos, onde 1 corresponde a *muito insatisfeito* e 7 a *muito satisfeito*. Resultados mais elevados correspondem a maiores níveis de satisfação conjugal. Foi, ainda, definido o ponto de corte de 17, valor abaixo do qual estaríamos na presença de algum grau de dificuldades conjugais e a partir do qual não encontraríamos dificuldades conjugais.

Esta escala apresenta uma boa/muito boa consistência interna na sua versão original (α de *Cronbach's* varia entre .84 e .98) (Pestana & Gageiro, 2008), tendência reiterada no presente estudo ($\alpha=.97$).

c) Amor romântico

Para a avaliação do amor romântico foi utilizada a *Love Scale* (LS), uma das subescalas do *Marriage and Relationships Questionnaire* (MARQ; Russell & Wells, 1986), um instrumento que no seu todo visa avaliar a satisfação conjugal. A LS é então uma medida de autorresposta que avalia o amor romântico entre marido e mulher através de 9 itens (e.g., “O seu relacionamento tem um lado romântico?”) respondidos numa escala tipo Likert de 5 pontos, onde 1 equivale a *sim* e 5 a *não*. Valores mais baixos traduzem níveis maiores de amor romântico entre o casal.

A consistência interna da subescala original revelou-se boa ($\alpha=.90$). Também a presente investigação obteve uma consistência interna muito boa ($\alpha=.96$) (Pestana & Gageiro, 2008).

d) Coping diádico

Para avaliação do *coping* diádico recorreu-se ao instrumento de Bodenmann em 2008, o *Dyadic Coping Inventory* (DCI). Este questionário de autorresposta visa medir as estratégias de *coping* percebidas pelos parceiros conjugais, nomeadamente as perceções acerca do *coping* do parceiro, deles próprios e enquanto casal. Recorreu-se a 11 dos 37 itens da escala original (e.g., “Quando o meu cônjuge está stressado(a) sinto que isso é problema dele”) avaliados numa escala tipo Likert de 5 pontos, onde 1 corresponde a *Nunca/ Muito raramente* e 5 a *Muito/ Frequentemente*. A escala apresentou na amostra alemã uma consistência interna entre razoável a muito boa (α de *Cronbach's* varia entre .71 e .92) (Pestana & Gageiro, 2008). Contudo, a nossa amostra apresenta uma boa consistência ($\alpha=.81$).

e) Sensibilidade olfativa

Para aceder à sensibilidade olfativa recorreu-se à *The Odor Awareness Scale* (OAS; Smeets et al., 2008). Este é um instrumento de autorresposta que avalia a consciência dos odores no ambiente em duas subescalas, uma de consciência de odores negativos e a outra de consciência de odores positivos. Recorreu-se a 8 dos 34 itens da escala original (e.g., “Quão importantes são os cheiros na sua vida diária?”), respondidos através de uma escala de 5 pontos. Valores mais elevados traduzem maior *performance* olfativa na perceção dos odores. A escala original apresenta uma consistência interna razoável ($\alpha=.77$) para a subescala de consciência

positiva e para a subescala de consciência negativa ($\alpha=.80$). Também a nossa amostra apresenta valores razoáveis de consistência interna ($\alpha=.79$) (Pestana & Gageiro, 2008).

3.4. Procedimentos estatísticos

Posteriormente à recolha dos dados procedeu-se ao tratamento estatístico dos mesmos através do programa *Statistical Package for the Social Sciences* - versão 20.0 (SPSS).

Atendendo à conceptualização teórica de Franck-Lynch (1986, citado por Lourenço, 2006; citado por Relvas, 1996) acerca do ciclo vital do casal, agruparam-se os sujeitos tendo em conta a duração do casamento, distribuindo-se assim os sujeitos pelas três fases identificadas: 1) fusão, 2) autonomia, e 3) empatia. Para permitir as análises, uma vez que determinadas condições compreendiam um número muito reduzido de sujeitos, procedeu-se ao agrupamento de itens no questionário sociodemográfico, nomeadamente no nível de escolaridade (*1º ciclo com sem escolarização*), situação financeira (*pior com muito pior que a média do meu país; melhor com muito melhor que a média do meu país*). Procedeu-se ainda à inversão dos itens negativos do DCI (3, 4, 7, 9). Realizaram-se depois as análises estatísticas exploratórias para identificar e corrigir dados omissos (*missings*). Uma vez que se constatou que a omissão não seria superior a 20% dos itens, calculou-se o resultado médio das respostas dadas pelos participantes ao respetivo item (Pestana & Gageiro, 2008).

Posteriormente, procedeu-se à análise da consistência interna através do cálculo do alfa de *Cronbach*, a medida de fidelidade mais usada (Pestana & Gageiro, 2008). Consideraram-se os valores propostos por Pestana e Gageiro (2008) como valores de referência (valores inferiores a .60 foram considerados inadmissíveis; entre .61 e .70 fracos; entre .71 e .80 como razoáveis; entre .81 e .90 como bons e superiores a .90 como muito bons).

Procurou-se ainda verificar a relação das variáveis sociodemográficas sexo, escolaridade e religião relativamente às fases do ciclo vital do casal, com recurso ao teste não paramétrico do *Chi-square* e análise dos resíduos, e à análise da variável idade com recurso ao teste paramétrico da *One-Way ANOVA* entre grupos.

O cumprimento dos pressupostos estatísticos (normalidade e homogeneidade) foi avaliado pelo teste de *Shapiro-Wilk* e pelo teste de *Levene*. Tendo-se constatado a aderência à normalidade em apenas duas das análises (na escala do DCI e da OAS) ($p>.05$) e verificado a aderência à homogeneidade em todas as escalas utilizadas ($p >.05$), deste modo optou-se por recorrer às análises paramétricas dada a dimensão da amostra ($N=234$).

Relativamente à comparação entre grupos, recorreu-se ao teste paramétrico *One Way ANOVA* para comparar as médias das variáveis dependentes (satisfação conjugal, amor romântico, *coping* diádico e sensibilidade olfativa) em cada um dos três grupos (fusão, autonomia, empatia). Quando encontradas diferenças procurou-se, com recurso às comparações *Post-hoc* através do teste de *Tukey HSD*, perceber em quais dos

três grupos residiam as diferenças estatisticamente significativas. Procedeu-se também à análise da magnitude do efeito, calculada pelo *eta squared* (dividindo a variação entre grupos pela variação total). Para esta análise recorreu-se à classificação de Cohen's (1988) de pequeno efeito (.01), efeito médio (.06) e grande efeito (.14).

Por último, procurou-se explorar a associação entre as variáveis satisfação conjugal, amor romântico, *coping* diádico e sensibilidade olfativa recorrendo-se ao coeficiente de correlação de *Pearson*. Os valores de referência usados para a avaliação da magnitude da relação entre as variáveis foram os valores estipulados por Cohen's (1988) de pequeno efeito ($r=.10$), efeito médio ($r=.30$) e grande efeito ($r=.50$). Recorreu-se ainda ao coeficiente de determinação (R^2) para a compreensão da percentagem de variação de uma variável explicada pela outra (Pestana & Gageiro, 2008).

IV – Resultados

Inicialmente averiguou-se a relação das variáveis sociodemográficas sexo, religião e escolaridade relativamente aos grupos de sujeitos (fusão, autonomia, empatia). Constatou-se que não existe uma associação entre as variáveis sociodemográficas sexo e religião e as fases do ciclo vital do casal ($.139 > p > .330$). Todavia, encontramos uma associação entre a escolaridade e as fases do ciclo vital do casal ($[\chi^2(6, N= 234) = 21.568, p= .001, V$ de Cramer= .219]), onde parece existir um número em excesso de sujeitos com *licenciatura ou graus superiores* na fase da fusão (resíduos= 2.5) e um número em excesso de indivíduos *sem escolarização até ao 4º ano* na fase da empatia (resíduos= 2.0). Note-se que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ao nível da idade entre os grupos analisados ($F(2, 231)= 139.09, p= .001$), porém esta diferença é expectável atendendo à natureza da variável fases do ciclo vital (cf. Tabela 2).

Tabela 2.

Análise da relação das variáveis sociodemográficas relativamente às três etapas do ciclo vital

	χ^2	p	F	p
Sexo	3.952	.139		
Religião	4.607	.330		
Escolaridade	21.568	.001*		
Idade			139.09	.001*

* $p < .05$

4.1. A satisfação conjugal ao longo do ciclo vital do casal

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos relativamente à satisfação conjugal ($p > .05$). Contudo, parece haver uma diminuição da satisfação conjugal ao longo das três fases [fusão ($M= 17.79, DP= 4.61$); autonomia ($M= 16.85, DP= 5.34$); empatia ($M= 16.61, DP= 4.81$)] (cf. Tabela 3). A análise dos resultados atendendo ao ponto de corte permitiu concluir que a maioria dos sujeitos situa-se acima do ponto de

corde [fusão (75.4%); autonomia (71.7%); empatia (64.8%)].

Tabela 3.

Análise das diferenças da satisfação conjugal nas três etapas do ciclo vital

	Fusão M (DP)	Autonomia M (DP)	Empatia M (DP)	F	p
Satisfação conjugal	17.79 (4.61)	16.85 (5.34)	16.61 (4.81)	1.264	.284

4.2. O amor romântico ao longo do ciclo vital do casal

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as fases do ciclo vital relativamente ao amor romântico ($p > .05$). Todavia, é visível uma tendência de diminuição da fusão para a autonomia, aumentando depois na fase da empatia [fusão ($M = 13.13$, $DP = 8.62$); autonomia ($M = 11.87$, $DP = 4.10$); empatia ($M = 12.84$, $DP = 4.88$)] (cf. Tabela 4).

Tabela 4.

Análise das diferenças do amor romântico nas três etapas do ciclo vital

	Fusão M (DP)	Autonomia M (DP)	Empatia M (DP)	F	p
Amor romântico	13.13 (8.62)	11.87 (4.10)	12.84 (4.88)	.764	.467

4.3. O coping diádico ao longo do ciclo vital do casal

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no coping diádico em duas das fases [$F(2, 231) = 3.77$, $p = .025$] (cf. Tabela 5; cf. Tabela 6), apresentando o coping diádico pontuações mais elevadas na fase da fusão ($M = 42.39$, $DP = 6.75$), relativamente à fase da empatia ($M = 39.42$, $DP = 7.25$). Encontramos uma magnitude do efeito pequena, de .03. A fase da autonomia não difere significativamente nem da fase da fusão nem da empatia.

Tabela 5.

Análise das diferenças do coping diádico nas três etapas do ciclo vital

	Fusão M (DP)	Autonomia M (DP)	Empatia M (DP)	F	p
Coping diádico	42.39 (6.75)	40.15 (7.07)	39.42 (7.25)	3.766	.025*

* $p < .05$

Tabela 6.

Análise das diferenças do coping diádico nas três etapas do ciclo vital: Teste de Tukey

	1	2	3
1. Fusão	-	.173	.020*
2. Autonomia	-	-	.799
3. Empatia	-	-	-

* $p < .05$

4.4. A sensibilidade olfativa ao longo do ciclo vital do casal

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos grupos analisados relativamente à sensibilidade olfativa ($p > .05$) (cf. Tabela 7). Porém, a sensibilidade olfativa parece aumentar da primeira fase para a segunda, diminuindo da segunda para a terceira [fusão ($M = 29.65$, $DP = 4.82$); autonomia ($M = 30.46$, $DP = 4.37$); empatia ($M = 29.12$, $DP = 5.01$)].

Tabela 7.

Análise das diferenças da sensibilidade olfativa nas três etapas do ciclo vital do casal

	Fusão M (DP)	Autonomia M (DP)	Empatia M (DP)	F	p
Sensibilidade olfativa	29.65 (4.82)	30.46 (4.37)	29.12 (5.01)	1.506	.224

4.5. A associação entre satisfação conjugal, amor romântico, coping diádico e sensibilidade olfativa

Verifica-se uma relação significativa negativa entre a satisfação conjugal e o amor romântico [$r = -.28$, $n = 234$, $p < .0005$]. O que significa que há medida que os valores da escala do amor romântico diminuem, os valores da escala da satisfação conjugal aumentam. No entanto, a força da relação é baixa. Constata-se que o amor romântico apenas ajuda a explicar 8% da variância da percepção de satisfação conjugal ($R^2 = .08$) (cf. Tabela 8).

Verificou-se, ainda, uma correlação significativa positiva entre a percepção de satisfação conjugal e o coping diádico percebido [$r = .33$, $n = 234$, $p < .0005$]. A força da relação é média, pelo que níveis elevados de satisfação conjugal estão associados a níveis elevados de coping diádico. Constata-se que a percepção de coping diádico ajuda a explicar 11% da variância da satisfação conjugal percebida ($R^2 = .11$).

Também se averiguou uma relação significativa negativa entre o amor romântico e o coping diádico percebido [$r = -.37$, $n = 234$, $p < .0005$]. O que significa que há medida que os valores da escala do amor romântico diminuem, os valores da escala do coping diádico aumentam. Esta força da relação é média e verifica-se que a percepção de coping diádico ajuda a explicar 14% da variância do amor romântico percebido ($R^2 = .14$).

Foi encontrada uma associação significativa negativa entre a sensibilidade olfativa e a satisfação conjugal [$r = -.13$, $n = 234$, $p < .0005$]. O que significa que há medida que os valores da escala da sensibilidade olfativa diminuem, os valores da escala da satisfação conjugal aumentam. No entanto, a força da relação é baixa. Constata-se que o amor romântico apenas ajuda a explicar 2% da variância da percepção de satisfação conjugal ($R^2 = .02$). Esta análise não revelou qualquer associação significativa entre sensibilidade olfativa percebida e as restantes variáveis (amor romântico e coping diádico).

Tabela 8.

Comparações entre a Satisfação Conjugal, Amor Romântico, Coping Diádico e Sensibilidade Olfativa

	1	2	3	4
1. Satisfação conjugal	-	-.279**	.334**	-.134*
2. Amor romântico	-	-	-.370**	-.103
3. Coping diádico	-	-	-	-.014
4. Sensibilidade olfativa	-	-	-	-

* $p < .05$, ** $p < .01$

V - Discussão

O objetivo geral do estudo apresentado remetia para a análise da satisfação conjugal, amor romântico, *coping* diádico e sensibilidade olfativa ao longo do casamento. Procurou-se comparar estas variáveis em três fases do ciclo vital do casal (fusão, autonomia e empatia, propostas por Franck-Lynch, 1986, citado por Lourenço, 2006; citado por Relvas, 1996).

As variáveis analisadas satisfação conjugal, amor romântico e sensibilidade olfativa não revelaram no presente estudo diferenças significativas atendendo à passagem do tempo. Por outro lado, o *coping* diádico parece oscilar significativamente ao longo do tempo num sentido decrescente. Contrariamente, Bodenmann e colaboradores (2006) em análises preliminares, num estudo longitudinal ao longo de dois anos, não encontraram diferenças significativas atendendo à passagem do tempo, defendendo que a passagem do tempo não seria preditiva do *coping* diádico. Tanto quanto foi possível pesquisar, não foram encontrados estudos que analisem o *coping* diádico em diferentes fases do casamento, pelo que poderemos apenas hipotetizar no presente estudo algumas explicações para o decréscimo desta variável da primeira para a última fase. Assim, poderemos considerar os desafios inerentes à última etapa do casamento como propiciadores de menor percepção de *coping* diádico nesta última etapa. Nomeadamente considera-se a fase da empatia como integradora da “geração sanduíche” (Relvas, 1996, p. 191), onde o cuidado aos próprios pais (necessidades físicas, financeiras, afetivas) (Relvas, 1996) e o cuidado ainda dos filhos adultos podem propiciar este declínio. A reforma, pode ainda, propiciar conflitos conjugais, caso um dos cônjuges se reforme primeiro do que outro (Relvas, 1996). Assim, o cônjuge reformado tende a reportar menor satisfação com o casamento, sentimentos de inequidade (Lee & Shehan, 1989, citado por Melton, Hersen, Van Sickle & Van Hasselt, 1995), sentimentos de solidão, inutilidade e vazio, pelo que exige maior disponibilidade e atenção do outro (Relvas, 1996). Estes desafios poderão originar em ambos uma menor percepção de lidarem juntos com os eventos *stressantes*. Há, ainda, que atender que a fase da empatia inclui, no presente estudo, indivíduos até aos 81 anos. Importa portanto considerar o lidar com o envelhecimento, e a necessidade de maiores cuidados de saúde, o que se constitui um desafio aos casais no sentido de manterem um relacionamento de complementariedade, enquanto um deles se assume como o cuidador do outro (Rolland, 1994), originando, portanto, uma renegociação da relação de

casal centrada na meia-idade (Relvas, 1996). Também Melton e colaboradores (1995) concluem, a partir de uma revisão da literatura, que a doença de um dos cônjuges tem um impacto físico e emocional propiciador de um desequilíbrio na relação. De facto, segundo Stoller e Cutler (1992, citado por Melton et al., 1995, p. 898) o cônjuge é o cuidador primordial em caso de doença do parceiro, pois assume grande parte das tarefas diárias que eram antes assumidas pela díade, e existe, ainda, perda de autonomia de ambos. A propósito da diminuição da percepção do *coping* na última fase do ciclo do casal, consideram-se ainda as atuais alterações sociais como fatores que podem ter agravado a vivência desta fase, sentindo os sujeitos que têm menores recursos para fazer face aos desafios. Por exemplo, com o aumento da idade de reforma (66 anos), casais na fase da empatia poderão, ainda, estar envolvidos na profissão, e é nesta fase que se deparam também com o declínio profissional (Relvas, 1996). Além disso, a atual crise em Portugal e o conseqüente aumento as taxas de desemprego, motivou que muitos filhos adultos dependessem financeiramente dos pais.

A análise da satisfação conjugal não revelou diferenças estatisticamente significativas quando comparada nas diferentes fases. Ainda assim, devemos atender que os padrões de mudança na satisfação conjugal parecem variar consoante os métodos utilizados na investigação (Teves, 2008). Alguns dos estudos apresentados mostraram um declínio desta dimensão ao longo do casamento, realçando a existência de filhos como negativamente associada à satisfação conjugal (e.g., VanLaningham et al., 2001), e outros defendiam uma diminuição desta variável nas etapas intermédias da educação dos filhos, seguido de um aumento na última etapa do casamento (e.g., Feeney et al., 1994). O presente estudo, congruentemente com o estudo de Levenson e colaboradores (1993), não encontrou diferenças estatisticamente significativas entre a satisfação conjugal nas três etapas do ciclo vital do casal. Também Ruffieux e colaboradores (2014), num estudo longitudinal de dez anos, mostraram que a satisfação conjugal parece manter-se estável ao longo do tempo. Estes autores consideram que os seus resultados divergem da investigação anterior, pois a sua amostra remete para relacionamentos de longa duração e apresenta, no início do estudo, grande variabilidade de satisfação relacional. Também é apontado por estes autores, o facto de muitas investigações recorrerem essencialmente a amostras de casais em fases iniciais do casamento, conclusão divergente do presente estudo em que a amostra utilizada remete para diferentes anos de casamento. Assim, a partir do presente resultado, podemos concluir que a satisfação conjugal não difere atendendo às diferenças no número de anos de casamento. É ainda interessante salientar que a análise do ponto de corte nas diferentes fases, permite também concluir que nas três fases a maior parte dos sujeitos não apresenta dificuldades conjugais.

Contrariamente ao declínio apresentado na revisão da literatura (e.g., Berscheid & Hatfield, 1969; Sternberg, 1986 citado por Acevedo & Aron, 2009; Sailor, 2013), o amor romântico não parece oscilar significativamente

quando comparado em diferentes etapas do ciclo vital do casal. O presente estudo corrobora as conclusões do estudo de Montgomery e Sorrel (1997), que realçam que as atitudes em relação ao *eros* (amor romântico) não diferem ao longo do ciclo vital familiar. Os resultados do presente estudo devem ser relevados, pois tal como realçam Acevedo e Aron (2009), atendendo a que o amor romântico não termina em casamentos de longa duração, os casais em casamentos longos beneficiariam desta visão mais positiva do amor, pois dar-lhes-ia a motivação necessária para melhorarem a qualidade do seu relacionamento.

A sensibilidade olfativa é ainda uma temática pouco estudada na conjugalidade, apesar de ser relevada a importância dos odores nas ligações emocionais ao longo da vida (Cupchik et al., 2005). No presente estudo não se obtiveram diferenças estatisticamente significativas na análise comparativa da sensibilidade olfativa nas três etapas do ciclo vital. A ausência de resultados significativos era expectável uma vez que a sensibilidade olfativa é considerada um traço estável do indivíduo (Smeets et al., colaboradores, 2008) que sofre o grande impacto das diferenças individuais (Wrzesniewski et al., 1999), pelo que há indivíduos que são fortemente influenciados pelos odores enquanto que outros são indiferentes (Wrzesniewski et al., 1999). Wrzesniewski e colaboradores (1999) conclui que a importância dos odores no gostar de novos locais, pessoas ou coisas varia de pessoa para pessoa. Além disso, a escala de avaliação utilizada (OAS) contém apenas uma questão direcionada para a conjugalidade.

Procurou-se, ainda, analisar a associação entre a satisfação conjugal, o amor romântico, o *coping* diádico e a sensibilidade olfativa. Verificou-se que: 1) a satisfação conjugal se encontra correlacionada com o amor romântico, *coping* diádico e sensibilidade olfativa; 2) o amor romântico se correlaciona com o *coping* diádico.

O presente estudo mostrou que à medida que o *coping* diádico aumenta, também aumenta a satisfação conjugal (ou vice-versa). Esta associação é congruente com a literatura analisada (e.g., Bodenmann, 2005; Bodenmann & Cina, 2006; Landis et al., 2014; Papp & Witt, 2010). De facto, Li e Wickrama (2014) reportam que os eventos de vida *stressantes* reduzem a satisfação conjugal, considerando que estratégias de *coping* diádico como a tolerância, empatia e a calma se encontram significativamente associadas à satisfação conjugal. Outros autores (Wunderer & Schneewind, 2008) mostram, ainda, que o *coping* diádico tem como consequência a maior satisfação com o casamento, pois o suporte do parceiro, em situações de *stress*, tem um efeito mediador na satisfação conjugal. Salienta-se, ainda, que a resolução conjunta de problemas e o apoio do parceiro para lidar com o *stress* estão intimamente relacionados com a satisfação relacional dos homens (Ruffieux et al., 2014) Assim, atendendo aos resultados obtidos, podemos considerar que a forma como os sujeitos percebem as suas capacidades para lidarem juntos com o *stress* está intimamente relacionada com a forma como percebem os seus níveis de satisfação conjugal.

A relação entre o amor romântico e a satisfação conjugal tem sido amplamente estudada (e.g., Acevedo e Aron, 2009; Roizblatt et al., 1999). Congruentemente, a nossa análise revelou que à medida que aumenta o amor romântico, aumenta a satisfação conjugal (e vice-versa). De facto, o amor tem sido considerado um dos principais ingredientes da satisfação conjugal (Roizblatt et al., 1999; Sharlin, 1996). Esta associação parece relacionar-se com o mito do “... e viveram felizes para sempre”, que se baseia num amor que preencherá as necessidades da vida (Relvas, 1996, p. 37), nas quais poderemos incluir a satisfação conjugal. Neste sentido, Houston (2009) considera que as pessoas apresentam como principal motivação para o casamento o amor, e como causa do divórcio a dissipação do amor. Parece-nos que a associação encontrada no presente estudo, entre o amor romântico e a satisfação conjugal, poderá remeter para uma visão romantizada do casamento, motivada por desde muito cedo ser inculcada às crianças a ideia do casamento e pela “promessa, sempre sonhada, de amor, em primeiro lugar” (Alarcão, 2000, p.116).

Tanto quanto foi possível pesquisar, não foram encontrados estudos que analisem a associação do *coping* diádico e do amor romântico. O presente estudo revelou que à medida que o *coping* diádico aumenta, também aumenta o amor romântico (ou vice-versa). De uma forma semelhante, Jensen e colaboradores (2013) mostram que, contrariamente aos homens, para as mulheres a sensibilidade no suporte do parceiro (uma forma de *coping* diádico) prediz significativamente o amor. Atendendo a este facto, importa lembrar que a nossa amostra, por exemplo na fase da autonomia, é constituída por 70% de mulheres.

Finalmente, verificamos que quanto maior a sensibilidade olfativa, menor a satisfação conjugal (ou vice-versa). Como referido anteriormente, a sensibilidade olfativa é uma variável pouco estudada na conjugalidade, pelo que esta associação não encontra fundamentação teórica na literatura analisada. Ainda assim, podemos considerar este resultado atendendo a que o olfato está proximamente relacionado com as partes do cérebro que medeiam as emoções (Wrzesniewski et al., 1999). Congruentemente, Cupchik e colaboradores (2005) relevam o papel dos odores nas ligações emocionais. Também Sorokowska, Sorokowski e Hummel (2014) relevam o impacto dos odores no humor, nos pensamentos e nos comportamentos face ao outro. Atendendo ao relevo deste construto nas ligações emocionais seria esperado uma associação entre este constructo e a satisfação conjugal (que resulta de uma forte ligação emocional).

VI – Conclusões

O presente estudo pretendia analisar diferentes variáveis relacionadas com a conjugalidade (satisfação conjugal, amor romântico, *coping* diádico e sensibilidade olfativa) em três fases do ciclo vital do casal (fusão, autonomia e empatia). Além disso, procurou estudar a relação dessas variáveis entre si, sendo o primeiro estudo português, tanto quanto é do nosso conhecimento, a integrar a sensibilidade olfativa no estudo da conjugalidade.

A análise destas dimensões da conjugalidade é bastante relevante, uma vez que poderá dar pistas para a intervenção clínica com casais. Salienta-se o estudo do *coping* diádico ao longo do ciclo vital do casal, pois esta variável é um poderoso preditor da estabilidade dos relacionamentos (Bodenmann & Cina, 2006). Levesque, Lafontaine, Carona, Flescha e Bjornson (2014) realçam o *coping* diádico como forma de aperfeiçoar a intervenção clínica com casais e a investigação sobre a conjugalidade. O presente estudo permitiu concluir que o *coping* diádico tende a declinar ao longo do casamento. Neste sentido, na prática clínica, importa ajudar os parceiros a lidarem juntos com os acontecimentos *stressantes* de forma a ajudá-los a activar formas de *coping* diádico (Bodenmann & Randall, 2012), atendendo às diferentes fases do ciclo vital do casal. Pois tal como realça Bodenmann (2005), quanto maior for a capacidade dos casais lidarem juntos com o *stress*, maior será a satisfação conjugal e a estabilidade relacional. Contrariamente às nossas expectativas, os resultados mostraram que nem o amor romântico, nem a satisfação conjugal diminuem em casamentos mais longos. Assim, importa na intervenção com a díade desmistificar a ausência de amor ou satisfação conjugal na última etapa do casamento.

Este estudo contém algumas limitações, nomeadamente a ausência de controlo na recolha da amostra, foi usado o método de recolha de “bola de neve”, e a não validação das escalas utilizadas para a população portuguesa levantam questões em termos da generalização dos resultados. Para além disso, na interpretação dos resultados não pode ser descurado o facto de 60.3% dos sujeitos da amostra serem do sexo feminino, pelo que deve-se equacionar a possibilidade de se obterem diferentes resultados, caso existisse uma representação equitativa dos dois sexos na amostra.

Neste sentido, seria importante que futuramente este tipo de estudos comparativos considerasse a análise das diferenças na díade, entre marido e mulher, em termos de satisfação conjugal, amor romântico e *coping* diádico ao longo do ciclo vital do casal. Parece-nos também pertinente atender a uma análise longitudinal das variáveis. Além disso, atendendo à importância do *coping* diádico em situações *stressantes* no casamento e nas relações próximas, como promotor do aumento da qualidade da relação (Bodenmann & Cina, 2006), julga-se pertinente atender aos diferentes tipos de *coping* e à sua influência na relação. Por último, atendendo à sugestão de Jensen e colaboradores (2013) que destacam a importância de uma maior compreensão do suporte no casamento (uma forma de *coping* diádico), a partir de uma perspectiva diádica, e a sua associação com dimensões do casamento, nomeadamente o amor, considera-se interessante a investigação futura em torno da relação do *coping* diádico e o amor romântico, que apesar de significativa na nossa amostra, não encontra fundamentação empírica.

Bibliografia

Anderson, S. A., Russell, C. S., & Schumm, W. R. (1983). Perceived marital quality and family life-cycle categories: a further analysis. *Journal Of Marriage & Family*, 45(1), 127-139.

- Alarcão, M. (2000). *(des) Equilíbrios familiares* (91-127). Coimbra: Quarteto
- Acevedo, B. P., & Aron, A. (2009). Does a long-term relationship kill romantic love?. *Review of General Psychology*, *13*(1), 59-65. doi:10.1037/a0014226
- Bouchard, J., Lussier, Y., Wright, J., & Richer, C. (1998). Predictive validity of coping strategies on marital satisfaction: cross-sectional and longitudinal evidence. *Journal of Family Psychology*, *12* (1), 112-131.
- Bodenmann, G. (2005). Dyadic coping and its significance for marital functioning. In T. A. Revenson, K. Kayser, & G. Bodenmann (2005), *Couples coping with stress. Emerging perspectives on dyadic coping* (pp. 33-49). Washinton, DC: American Psychological Association
- Bodenmann, G., Bradbury, T. N., & Pihet, S. (2009). Relative contributions of treatment-related changes in communication skills and dyadic coping skills to the longitudinal course of marriage in the framework of marital distress prevention. *Journal Of Divorce & Remarriage*, *50*(1), 1-21. doi:10.1080/10502550802365391
- Bodenmann, G., & Cina, A. (2006). Stress and coping among stable-satisfied, stable-distressed and separated/divorced swiss couples: a 5-year prospective longitudinal study. *Journal of Divorce & Remarriage*, *44*(1/2), 71-89. doi:10.1300/J087v44n01_04
- Bodenmann, G., Ledermann, T., & Bradbury, T. (2007). Stress, sex, and satisfaction in marriage. *Personal Relationships*, *14*, 551–569. doi:10.1111/j.1475-6811.2007.00171.x
- Bodenmann, G., Meuwly, N., & Kayser, K. (2011). Two conceptualizations of dyadic coping and their potential for predicting relationship quality and individual well-being a comparison. *European Psychologist*, *16*(4), 255-266. doi:10.1027/1016-9040/a000068
- Bodenmann, G., Pihet, S., & Kayser, K. (2006). The relationship between dyadic coping and marital quality: a 2-year longitudinal study. *Journal of Family Psychology*, *20*(3), 485-493. doi:10.1037/0893-3200.20.3.485
- Bodenmann, G. & Randall, A. K. (2012). Common Factors in the Enhancement of Dyadic Coping. *Behavior Therapy*, *43*, 88–98

- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Caillé, P. (1991). *Un et un font trois. Le couple révélé à lui-même*. Paris: ESF editeur
- Contreras, R., Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (1996). Perspectives on marital love and satisfaction in mexican american and anglo-american couples. *Journal of Counseling and Development*, 74(4), 408-415
- Cupchik, G. C., Phillips, K., & Truong, H (2005). Sensitivity to the cognitive and affective qualities of odours. *Cognition and Emotion*, 19(1), 121-131. doi:10.1080/0269993044100011
- Chi, P., Tsang, S. K. M., Chan, K. S., Xiang, X., Yip, P. S. F., Cheung, Y. T., & Zhang, X. (2011). Marital satisfaction of chinese under stress: moderating effects of personal control and social support. *Asian Journal of Social Psychology*, 14, 15-25. doi:10.1111/j.1467-839X.2010.01322.x
- Carroll, S. J., Hill, E. J., Yorgason, J. B., Larson, J. H., & Sandberg, J. G. (2013). Couple communication as a mediator between work-family conflict and marital satisfaction. *Contemporary Family Therapy*, 35, 530-545. doi:10.1007/s10591-013-9237-7
- Dion, K. K., & Dion, K. L. (1996). Cultural perspectives on romantic love. *Personal Relationships*, 3(1), 5-17. doi:10.1111/j.1475-6811.1996.tb00101.x
- Dias, J. (2000). A terapia com o casal: conversando para a redescoberta de um nós. In A. P. Relvas (2000), *Por detrás do Espelho. Da teoria à terapia com a família*, (130-154). Coimbra: Quarteto
- Donato, S., Iafrate, R., Bradbury, T. N., & Scabinia, E. (2012). Acquiring dyadic coping: parents and partners as models. *Personal Relationships*, 19, 386-400. doi:10.1111/j.1475-6811.2011.01368.x
- Filsinger, E. E., & Fabes, R. A. (1985). Odor communication, pheromones and human families. *Journal of marriage and the family*, 349-359.
- Feher, B. (1994). Prototype-based assessment of laypeople's views of love. *Personal Relationships*, 1(4), 309-331. doi:10.1111/j.1475-6811.1994.tb00068.x

- Feeney, J., Peterson, C., & Noller, P. (1994). Equity and marital satisfaction over the family life cycle. *Personal Relationships, 1*(1), 83-99. doi:10.1111/j.1475-6811.1994.tb00056.x
- Fincham, F. D., & Beach, S. R. H. (2010). Marriage in the new millennium: a decade in review. *Journal of Marriage and Family, 72*, 630-649. doi:10.1111/j.1741-3737.2010.00722.x
- Gottman, J. M. (1998). Psychology and the study of marital processes. *Annual Review of Psychology, 49*, 169- 197. doi:10.1146/annurev.psych.49.1.169
- Goodman, C. D. S. W. (1999). Intimacy and autonomy in long term marriage. *Journal of Gerontological Social Work, 32*(1), 83-97. doi:10.1300/J083v32n01_06
- Gagnon, M. D., Hersen, M., Kabacoff, R. I., & Van Hasselt, V. B. (1999). Interpersonal and psychological correlates of marital dissatisfaction in late life: a review Clinical. *Psychology Review, 19*(3), 359–378
- Gordona, C. L., & Baucomb, D. H. (2009). Examining the individual within marriage: Personal strengths and relationship satisfaction. *Personal Relationships, 16*, 421–435
- Galinha, I. C., Oishi, S., Pereira, C. R., Wirtz, D., & Esteves, F. (2014). Adult attachment, love styles, relationship experiences and subjective well-being: cross-cultural and gender comparison between americans, portuguese, and mozambicans. *Social Indicators Research, 119*, 823-852. doi:10.1007/s11205-013-0512-7
- Haze, S., Gozu, Y., Nakamura, S., Kohno, Y., Sawano, K., Ohta, H., & Yamazaki, K. (2001). 2-Nonenal newly found in human body odor tends to increase with aging. *The Journal of Investigative Dermatology, 116*(4), 520-524
- Herz, R. S., & Inzlicht, M. (2002). Sex differences in response to physical and social factors involved in human mate selection. The importance of smell for women. *Evolution and Human Behavior, 23*, 359–364
- Havlicek, J., Saxton, T. K., Roberts, S. C., Jozifkova, E., Lhota, S., Valentova, J., & Flegr, J. (2008). He sees, she smells? Male and female reports of sensory reliance in mate choice and non-mate

- choice contexts. *Personality and Individual Differences*, 45, 565–570
- Huston, T. L. (2009). What's love got to do with it? Why some marriages succeed and others fail. *Personal Relationships*, 16, 301–327. doi: 10.1111/j.1475-6811.2009.01225.x
- Haack, K. R., & Falcke, D. (2014). Love and marital quality in romantic relationships mediated and non-mediated by internet. *Paideia*, 24(57), 105-113. doi:http://dx.doi.org/10.1590/1982-43272457201413
- INE. (2014). Portal do Instituto Nacional de Estatística. Retirado de <http://www.ine.pt/>
- Jankowiak, W. R., & Fischer, E. F. (1992). A cross-cultural perspective on romantic love. *Ethnology*, 31(2), 149.
- Jensen, J. F., Rauer, A. J., & Volling, B. (2013). A dyadic view of support in marriage: the critical role of men's support provision. *Sex Roles*, 68, 427-438. doi:10.1007/s11199-012-0256-x
- Kardatzke, K. N. (2009). *Perceived stress, adult attachment, dyadic coping, and marital satisfaction of counseling graduate students*. Tese de doutoramento em Filosofia, Universidade da Carolina do Norte, Greensboro, Estados Unidos da América
- Kim, J., & Hatfield, E. (2004). Love types and subjective well-being: a cross-cultural study. *Social Behavior and Personality*, 32(2), 173-182.
- Levenson, R. W., & Carstensen, L. L., & Gottman, J. M. (1993). Long-term marriage: age, gender and satisfaction. *Psychology and Aging*, 8(2), 301-313
- Lourenço, M. M. C. (2006). *Casal: conjugalidade e ciclo evolutivo*. Tese de doutoramento em Psicologia Clínica, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação - Universidade de Coimbra, Portugal
- Landis, M., Bodenmann, G., Bradbury, T. N., Brandstätter, V., Peter-Wight, M., Backes, S., Sutter-Stickel, D., & Nussbeck, F. W. (2014). Commitment and dyadic coping in long-term relationships. *GeroPsych*, 27(4), 139–149. doi:10.1024/1662-9647/a000112
- Landis, M., Peter-Wight, M., Martin, M., & Bodenmann, G. (2013). Dyadic coping and marital satisfaction of older spouses in long-term

- marriage. *GeroPsych*, 26(1), 39–47. doi:10.1024/1662-9647/a000077
- Levesque, C., Lafontaine, M., Carona, A., Flescha, J. L., & Bjornson, S (2014). Dyadic empathy, dyadic coping, and relationship satisfaction: a dyadic model. *Europe's Journal of Psychology*, 10(1), 118–134. doi:10.5964/ejop.v10i1.697
- Li, P., & Wickrama, K. A. S. (2014). Stressful life events, marital satisfaction, and marital management skills of taiwanese couples. *Family Relations*, 63, 193-205. doi:10.1111/fare.12066
- Melton, M. A., Hersen, M., Van Sickle, T. D. & Van Hasselt, V. B. (1995). Parameters of marriage in older adults: a review of the literature. *Clinical Psychology Review*, 15(8), 891-904
- Montgomery, M. J., & Sorell, G. T. (1997). Differences in Love Attitudes Across Family Life Stages. *Family Relations*, 46(1), 55-61
- Narciso, I., & Costa, M. E. (1996). Amores satisfeito, mas não perfeitos. *Cadernos de consulta psicológica*, 12, 115-130
- Narciso, I., & Costa, M. E. (2002). Percursos de mudança na qualidade conjugal-fragmentos de um estudo sobre conjugalidades satisfeitas. *Cadernos de consulta psicológica*, 17, 181-195
- Norgren, M. B. P., Souza, R. M., Kaslow, F., Hammerschmit, H., & Sharlin, A. S. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 575-584. doi:10.1590/S1413-294X2004000300020
- Narciso, I., & Ribeiro, M.T. (2009). *Olhares sobre a conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler
- Neto, F. (2007). Love styles: a cross-cultural study of british, indian, and portuguese college students. *Journal of Comparative Family Studies*, 38(2), 239-254.
- Neto, O. I., & Féres-Carneiro, T. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: marcadores e preditores. *Interação em Psicologia*, 14(2), 245-254. doi:10.5380/psi.v14i2.15402
- Olson, D. H. (1983). Family types, family stress and family development perspective. In C. J. Falicov (1988), *Family Transitions: Continuity and change over the life cycle (73-79)*. London: The

Guilford Press

- Orbuch, T. R., House, J. S., Mero, R. P., & Webster, P. S. (1996). Marital quality over the life course. *Social Psychology Quarterly*, 59(2), 162-171
- O'Brien, T. B., DeLongis, A., Pomaki, G., Puterman, E., & Zwicker, A. (2009). Couples coping with stress: the role of empathic responding. *European Psychologist*, 14(1), 18–28. doi:10.1027/1016-9040.14.1.18
- Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS (5ª ed)*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Papp, L. M., & Witt, N. L. (2010). Romantic partners' individual coping strategies and dyadic coping: implications for relationship functioning. *Journal of Family Psychology*, 24(5), 551–559. doi:10.1037/a0020836
- Pires, A. R. A. (2011). *Coping Diádico e Satisfação Conjugal: Um Estudo em Casais Portugueses*. Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação - Universidade de Lisboa, Portugal.
- Perry, A., Rubinstenb, O., Peled, L., & Shamay-Tsoory, S. G. (2013). Don't stand so close to me: A behavioral and ERP study of preferred Interpersonal. *Neuroimage*, 83, 761–769. doi:10.1016/j.neuroimage.2013.07.042
- Rolland, J. S. (1994). In sickness and in health: the impact of illness on couples's relationships. *Journal Of Marital and Family Therapy*, 20, 327-347
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família*. Porto: Edições Afrontamento
- Roizblatt, A., Kaslow, F., Rivera, S., Fuchs, T., Conejero, C., & Zacharias, A. (1999). Long lasting marriages in chile. *Contemporary Family Therapy*, 21(1), 113-129.
- Russell, R. J. H., & Wells, P. A. (2000). Predicting marital violence from the marriage and relationship questionnaire: using lisrel to solve an incomplete data problem. *Personality and Individual Differences*, 29, 429-440
- Riehl-Emde, A., Thomas, V., & Willi, J., (2003). Love: an important

- dimension in marital research and therapy. *Family process*, 42(2), 243-267. doi:10.1111/j.1545-5300.2003.42205.x
- Relvas, A. P., & Alarcão, M. (2007). *Novas formas de família*. (2nd ed.). Coimbra: Quarteto
- Ruffieux, M., Nussbeck, F. W., & Bodenmann, G. (2014). Long-term prediction of relationship satisfaction and stability by stress, coping, communication, and well-being. *Journal of Divorce and Remarriage*, 55, 485–501. doi:10.1080/10502556.2014.931767
- Smart, M. S., & Smart, R. C. (1975). Recalled, present, and predicted satisfaction in stages of the family life cycle in new zealand. *Journal Of Marriage and Family*, 37(2), 408-415.
- Schumm, W. R., Nichols, C. W., Schectman, K. L., & Grisby, C. C. (1983). Characteristics of responses to the kansas marital satisfaction scale by a sample of 84 married mothers. *Psychological Reports*, 53(2), 567-572. doi:10.2466/pr0.1983.53.2.567
- Sharlin, S. A. (1996). Long-term successful marriages in israel. *Contemporary Family Therapy: An International Journal*, 18(2), 225-242.
- Story, L. B., & Bradbury, T. N. (2004). Understanding marriage and stress: essential questions and challenges. *Psychology Review*, 23, 1139-162. doi:10.1016/j.cpr.2003.10.002
- Sorrell, E. (2005). Romantic love and marriage: an analysis of the concept and functionality of romantic love as a marital stabilizing agent. *Nebraska Anthropologist*, 16-25
- Smeets, M. A. M., Schifferstein, H. N. J., Boelema, S. R., & Lensvelt-Mulders, G. (2008). The odor awareness scale: a new scale for measuring positive and negative odor awareness. *Chemical Senses*, 33, 725-734. doi:10.1093/chemse/bjn038
- Sorokowska, A., Sorokowski, P., & Szmajke, A., (2011). Does personality smell? accuracy of personality assessments based on body odour. *European Journal of Personality*. doi:10.1002/per.848
- Sampaio, D. (2012). *Labirinto de mágoas*. Alfragide: Caminho
- Sailor, J. L. (2013). A phenomenological study of falling out of romantic love. *The Qualitative Report*, 18(19), 1-22.

- Sorokowska, A., Sorokowski P., & Hummel, T. (2014). Cross-cultural administration of an odor discrimination test. *Chemical Perception*, 7, 85-90. doi:10.1007/s12078-014-9169-0
- Tucker, P., & Aron, A. (1993). Passionate love and marital satisfaction at key transition points in the family life cycle. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 12(2), 135-147. doi:10.1521/jscp.1993.12.2.135
- Teves, C. M. (2008). *Viagem entre satisfação e proximidade conjugais e aliança parental*. Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação - Universidade de Lisboa, Portugal
- VanLaningham, J., Johnson, D. R., & Amato, P. (2001). Marital happiness, marital duration and the u-shaped curve: evidence from a five-wave panel study. *Social Forces*, 79(4), 1313-1341.
- Wrzesniewski, A., McCauley, C., & Rozin, P. (1999). Odor and affect: individual differences in the impact of odor on liking for places, things and people. *Chemical senses*, 24, 713-721. doi:10.1093/chemse/24.6.713
- Wunderer, E., & Schneewind, K. A. (2008). The relationship between marital standards, dyadic coping and marital satisfaction. *European Journal Of Social Psychology*, 38(3), 462-476. doi:10.1002/ejsp.405
- Wozidlo, A., & Segrin, C. (2013) Direct and indirect effects of newlywed couples' neuroticism and stressful events on marital satisfaction through mutual problem solving. *Marriage & Family Review*, 49(6). 520-545. doi:10.1080/01494929.2013.772933